

AS PERSONAGENS NO TEATRO DE T. S. ELIOT

Ecléia Audi

- UFPR -

A análise e interpretação das personagens das quatro peças de ação contemporânea de T. S. Eliot: The Family Reunion, The Cocktail Party, The Confidential Clerk e The Elder Statesman permitiram perceber os temas que emergem de sua produção dramática. O principal interesse das peças reside, sem dúvida, nas personagens. São sintomáticos até os títulos do quarteto que se referem a pessoas em grupo ou isoladas.

Nessa incursão pelo mundo eliotiano, tivemos oportunidade de conhecer uma certa gama de personagens, se bem que várias sigam as mesmas trilhas.

De modo geral, estão todas mergulhadas no problema da incommunicabilidade, da alienação de si próprias; da comunicação parcial e não duradora e da solidão.

Ficou evidenciado que a dificuldade em se comunicar se apresenta em níveis diferentes e onde mais sobressai é no relacionamento homem/mulher, ora totalmente frustrado, ora concretizado de modo imperfeito.

A dificuldade de bom relacionamento implica um outro aspecto presente na vida da criatura eliotiana: a solidão, fruto, muitas vezes, da incapacidade de dar-se ao outro ou de compreendê-lo. Algumas destas personagens solitárias aceitam sua situação; outras lutam para evitá-la. A amplitude com que Eliot tratou o tema da solidão do homem é o fator, entre outros, que lhe confere uma personalidade diferente como dramaturgo.

Se nos reportarmos aos protagonistas das peças, fica evidente que são heróis problemáticos, simultaneamente em comunhão

e em oposição com o mundo. Embarcam numa peregrinação espiritual e a personagem, chama-se Harry, Célia, Colby ou Lord Claverton, está sempre em busca do verdadeiro eu. Marcham em direção a si mesmos, questionam-se sem cessar, o que os ajuda a atingir um claro autoconhecimento, reconciliando-se, assim, com a vida. Encontram-se e encontram seu lugar no mundo, seu destino.

O protagonista eliotiano tem outras características: vive um momento de descoberta de si mesmo, dos outros ou de si mesmo e dos outros; vivencia um único momento de escolha que é colocado diante dele e tem um desejo, partir, cumprir seu destino, fugindo de um ambiente claustrofóbico em que vive para um lugar mais distante.

Harry de Monchensey, protagonista de The Family Reunion, retorna ao lar, atormentado por seus demônios interiores, em busca de sua identidade. Porque possui uma visão da realidade o culta, encontra-se isolado da sociedade, em seu caso, dos membros da família, e procura fugir ao convívio dos outros. Desequilibra a harmonia aparente do grupo que o aguarda, atinge seu momento de autoconhecimento, reencontra sua identidade, escolhe rejeitar a posição de senhor de Wishwood e parte sozinho para um destino, se bem que é ainda uma incógnita. Não nos esqueçamos, porém, de que a possibilidade de ele tornar-se um missionário é aventada por uma das personagens. Isso nos leva a crer que talvez cumprirá um destino espiritual. É contraditório, na medida em que se apresenta contra si próprio, pois, embora inocente, assume o papel de culpado. Leva consigo a carga de um triplo malogro: seu fracasso em conseguir um relacionamento ideal com a esposa, com a mãe e com Mary, pela dificuldade em entregar-se a elas. Concebido e nascido no ódio, não no amor, Harry é incapaz de amar e é necessário que aprenda a fazê-lo. Talvez por isso mesmo aceite, naturalmente, partir em meio ao silêncio e à solidão que, em seu caso, é extrema.

Celia Coplestone, a virtuosa, a destinada ao céu, protagonista de The Cocktail Party, não é mais feliz do que seu antecessor, no que se refere à comunicabilidade e ao relacionamento humanos. Recusa relacionar-se mais profundamente com Peter Quilpe, a despeito das afinidades que os atraem e mantém um caso amoroso com Edward Chamberlayne, o homem errado, que a deseja apenas para alimentar sua vaidade. Ao ser abandonada, sofre uma crise de sensibilidade, que a leva ao psiquiatra Sir Reilly e passa também por um momento de revelação: sempre foi uma pessoa solitária, incapaz de se comunicar com o outro. Como acontece a Harry, seu autoconhecimento a reconcilia com a realidade e, diante das duas escolhas que lhe são propostas, aceita uma condição de mulher só, partindo para um destino incerto. Como Harry, busca sair da companhia do grupo social em que vivia, em busca de uma vida mais solitária. Porém, ao contrário de Harry, segue um caminho que a transformará em missionária, mais tarde, em mártir. É interessante lembrar que, no final de The Family Reunion, quando a possibilidade de Harry tornar-se um missionário é refutada, Gerald lhe dá conselhos sobre como agir. Eliot retoma, em The Cocktail Party, o que iniciou em The Family Reunion. Se o relacionamento homem/mulher é temporário, concretizado de modo imperfeito, sua vida de missionária — com o martírio — é o apogeu, do ponto de vista espiritual, pois, a morte pelo martírio pode ser doadora de vida, um despertar para a vida.

Colby Simpkins, protagonista de The Confidential Clerk, é atormentado pelo enigma de sua filiação e pela dificuldade em conseguir a realização profissional satisfatória. Não se sente à vontade no ambiente familiar dos Mulhammers; sente-se descontente com os arranjos que tentam impingir-lhe. No que diz respeito ao relacionamento homem/mulher, confessa a Lucasta seu desejo de realização amorosa com alguém que compartilhe sua vida.

Pensa, por um breve instante, que a encarnação desse sonho é a jovem que o ouve, mas uma interpretação errônea dos fatos aborta sua esperança. Após um momento de revelação, consegue, enfim, tornar-se indiferente ao conhecimento de sua origem, pois percebe que a descoberta de sua filiação não consegue suprir aquele vácuo criado pela ausência da figura paterna durante a infância e a adolescência. Como Harry e Celia, procura desvencilhar-se de todos os laços que o prendem e escolhe seguir seu próprio caminho, mas com uma destinação mais determinada do que a de seus antecessores. Volta-se para a religião, primeiro para tornar-se organista e, provavelmente, mais tarde, um sacerdote. Não diríamos que aceita sua solidão; antes, resigna-se a ela. No entanto, visto sob um outro ângulo, encontra seu caminho, realizando-se no âmbito espiritual.

Lord Claverton, protagonista de The Elder Statesman, foi um fracasso total em termos de relacionamento. Fracassou como marido, pai, amigo e amante, foi o solitário por excelência. Mas neste herói da última produção eliotiana há a libertação pelo e para o amor. Ao contrário de seus antecessores, busca o contacto humano através da figura da filha. Forçado a confessar os fingimentos e decepções de sua vida, atinge seu momento de iluminação, ajudado pela simpatia e compreensão dos jovens enamorados. Feita a paz consigo mesmo, está reconciliado com a ordem do mundo e se liberta da solidão, ao mesmo tempo que descobre o amor que ambos lhe dedicam e que dedicam um ao outro. Convenhamos que, como os demais protagonistas, também ele parte só; mas, ao contrário de Harry, de Celia e de Colby, essa partida é involuntária e não implica luta para encontrar um caminho, sofrimento, ou busca de uma realização. É a partida definitiva que traz tão-somente a paz da morte. Mas, antes, alcançou o autoconhecimento, encontrou-se.

A análise das personagens secundárias ilustra, em diferen-

tes graus, a existência dos mesmos problemas que afligem os protagonistas. Sem terem vivenciado aquele momento de descoberta total, conseguem um grau de distanciamento que lhes permite viver uma vida real, com determinado nível de compreensão.

Através do tratamento proporcionado a suas personagens — uma série de indagações e confissões —, Eliot faz transparecer a existência de duas opções de vida: a) o caminho que leva à realização no plano espiritual, onde não está excluída a solidão, se bem que material, pois, em última análise — para o autor, católico — o que conta é o destino espiritual do homem; b) a vida doméstica, a vida do cotidiano, que ele apresenta em níveis cada vez menos pessimistas, à medida que cria suas peças. Evidencia-se a existência de uma linha evolutiva entre a solidão total que atormenta a quase totalidade das personagens da primeira produção e a postura existencial voltada para os problemas do amor conjugal-familiar — preocupação das personagens das duas últimas peças do quarteto. A rigor, os problemas do isolamento e da incomunicabilidade apenas são resolvidos nessas duas últimas produções.

Em The Family Reunion, é grande o número de personagens que fracassam, inteiramente, na tentativa de encontrar um bom relacionamento homem/mulher. É a frustração, é o isolamento que marcam as vidas de Amy, da mulher de Harry, de Agatha e, ao que tudo indica, Mary — todas vítimas da solidão. É de se notar que, nessa primeira produção, mesmo as personagens menores, como os tios e as tias, nos são apresentadas como estereótipos do solteirão e da solteirona. A solidão é completa e extrema, pois, ironicamente, ao contrário do que prega o título, assistimos à total desintegração da família. Todos partem, no final, para continuar suas vidas solitárias: Amy morre; Harry parte e sabemos que logo deixará Downing; os tios e as tias retornam a suas vidas solitárias; Mary parte em busca de uma carreira uni-

versitária; Agatha volta para a Faculdade e John e Arthur nem sequer comparecem à reunião familiar.

Em The Cocktail Party, aqueles que pensam que amam não podem se casar; os que são casados simplesmente se toleram. É o caso de Edward e Lavínia. Atingem, ao menos, um tipo de relacionamento parcial e imperfeito. Depois da desavença, conseguem reconciliar-se, não ao nível do amor, nem mesmo ao nível da compreensão, mas tão-somente ao nível da tolerância mútua. Não é o ideal, mas já ocorre uma mudança de visão, inexistente na primeira peça: Aliás, Eliot admite a possibilidade de um relacionamento aceitável através do casamento; este aparece como uma forma de vida que, embora sem encantos, é uma alternativa à solidão, numa autêntica rotina. Peter Quilpe, desiludido, refugia-se em sua nova carreira, mas não se esquece de Celia. E, quando a peça termina, não há indícios de que vencerá a solidão, substituindo-a por outro amor. O que a morte da moça oferece é uma possibilidade maior de compreensão entre ele e o casal Chamberlayne.

Em The Confidential Clerk, o relacionamento do casal mais velho, Sir Claude e Lady Elizabeth, já transmite o aparecimento de melhores possibilidades: dá-se ao nível de simpatia, de compreensão e de respeito mútuos. Ao mesmo tempo, Eliot nos brinda com uma perspectiva mais brilhante do relacionamento homem/mulher, por intermédio do carinho, amor, entusiasmo e compreensão do casal mais jovem, Lucasta e B. Kaghan. Essa perspectiva é reforçada por outro tipo de relacionamento que aparece: aquele sentimento amistoso, nascido do passar do tempo que transforma o casal numa só entidade; é exemplificado por Eggerson e senhora. E, ainda mais, a peça finaliza, sugerindo também a compreensão entre duas gerações, entre pais e filhos. É interessante notar que o final da peça nos oferece o quadro de uma família formada de pessoas que nunca se imaginaram como parte dessa

família, nem tentaram formar uma família entre si. Pode-se dizer que The Confidential Clerk contém a verdadeira The Family Reunion: um grupo de indivíduos, relacionados de alguma forma, volta a se encontrar. As criaturas eliotianas começam a aprender a se adaptar à vida.

Em The Elder Statesman, Eliot delinea, pela primeira vez, com exaltação e entusiasmo, as relações reais e ideais entre um homem e uma mulher, através de Monica e Charles. Os enamorados, como todos os que se apaixonam, se compreendem e se comunicam de forma profunda, acreditam que seu amor sempre existiu na eternidade. Aparece aquela comunhão, aquele desejo de dar e receber, aquela mistura de generosidade e expectativa que distingue o amor de todas as outras experiências em nossa vida. Essa exaltação amorosa reforça a idéia do relacionamento ideal e resolve o problema da solidão: é a libertação e restabelecimento pela cura através do amor — o amor humano que parecia inacessível nas peças anteriores.

Percebe-se, passo a passo, a existência de uma mudança no pensamento do autor.

O que nos ocorre é que The Cocktail Party e The Confidential Clerk são, cada uma por sua vez e em crescendo, processos diferentes do isolamento extremo e intenso apresentado em The Family Reunion. Com The Elder Statesman, temos a afirmação da possibilidade do relacionamento humano e como que uma rejeição da solidão. Em The Family Reunion, todas as personagens se acham isoladas, cada qual encerrada em si mesma. Conseguem falar, gesticular, elogiar-se mutuamente, mas observa-se que não há uma profundidade autêntica de comunicação. O autor não oferece saídas para evitar a solidão. Já, em The Cocktail Party, observamos uma mudança de visão: é necessário que as personagens se adaptem aos problemas da vida. Dois modos de vida são colocados em contraste: o caminho percorrido pelo mártir, indivíduo

altamente sensível e espiritual, caminho que inclui a decisão de aceitar a solidão, ainda que esta possa ser interpretada, num plano hierarquicamente superior, como a realização plena. Aparece o casamento, sugerindo o caminho da vida rotineira, forma pouco atraente, porém, a mais usual. Em The Confidential Clerk, percebe-se claramente uma evolução da criatura ficcional; estamos num degrau mais alto. Existe uma compreensão maior entre as personagens e aparece o amor. Assim, os pólos da solidão absoluta e da compreensão total são dissolvidos pela aceitação de possibilidades intermediárias. A solidão, quando aparece, é aceita com resignação. E, em The Elder Statesman, temos a conclusão de um processo: a reconciliação silenciosa que coroa de paz uma vida de erros. Sentimos a voz de um Eliot mais amadurecido, cheio de piedade e compreensão diante da complexidade da natureza humana. Partindo do pessimismo e da solidão absolutos apresentados na primeira produção, encontramos, finalmente, diante da simpatia e da compreensão, num diálogo mais amplo e verdadeiro, desta vez, entre gerações distintas: o pai, de um lado; a filha e o genro do outro. E a ênfase é colocada na vontade e no esforço para se comunicar, a fim de atingir o relacionamento ideal, a compreensão mais profunda.

Resta ainda uma palavra sobre aquelas personagens que chamáramos de "enxerto" e que não podem ser analisadas em termos de solidão e inter-relacionamento, como fizemos com os protagonistas e as personagens secundárias.

Mas, se pensarmos em cada uma das peças como um todo, veremos que são igualmente importantes: servem para sustentar o arcabouço da peça, oferecendo vários tipos de serviços às demais personagens.

Há aquelas que forçam as outras a agir, seguindo-as com suas presenças silenciosas, como é o caso das Euménides, em The Family Reunion. Há também as que instigam e perseguem, furiosa



e incansavelmente, sua vítima, como Gomez e a sra. Carghill, em The Elder Statesman.

Existem as que provocam reações imprevisíveis, como John, que não aparece no palco, mas não deixa de provocar consternação geral, em The Family Reunion; ou, ainda na mesma peça, o pai morto de Harry, cujo passado, uma vez descoberto, ajuda o protagonista a melhor compreender-se; ainda Michael, em The Elder Statesman, cuja visita repentina não só altera seu destino, como reforça a necessidade de o pai tudo confessar.

Que dizer daquelas que, repentinamente, assumem o papel de árbitros, chegando mesmo, ocasionalmente, a tomar as rédeas dos acontecimentos, como é o caso da sra. Guzzard, em The Confidential Clerk, que, numa única aparição, resolve o nó dramático com revelações extraordinárias, encaminhando os destinos das várias personagens presas às suas palavras? Ou ainda como o zeloso trio de guardiães de The Cocktail Party, que vigiam, encaminham e oferecem opções de vida aos protagonistas e às personagens secundárias, sem que nenhuma delas tenha ao menos consciência do que é tramado em seu redor.

Há também as que estimulam, com sua presença ou mesmo com sua ausência, os impulsos das outras. É o caso de Downing, em The Family Reunion, e de três personagens mortas: o pai de Colby, cuja profissão impulsiona o jovem a pôr em prática seu velho sonho; o filho morto de Eggerson, que o predispõe quase que a adotar o jovem Colby e, ainda, o amante de Lady Elizabeth, que a motiva a procurar o filho desconhecido, em The Confidential Clerk. Outras limitam-se a dar conselhos e a ouvir pacientemente os protagonistas, como o dr. Warburton, em The Family Reunion.

Há as que são utilizadas pelo dramaturgo, a fim de servir de alívio à tensão dramática, como é o caso de Arthur, personagem que não aparece em The Family Reunion, da sra. Piggot, em

The Elder Statesman, e de algumas intervenções de Julia, em The Cocktail Party.

Finalmente, há as que prestam serviços mais humildes, como trazer notícias ou introduzir convidados, como é o caso do Sargento Winchell e de Denman, criada dos Monchensey, ambos em The Family Reunion.

O estudo por nós empreendido prova que a produção dramática de Eliot não é formada de peças teatrais produzidas para uma determinada época, pois, não só descrevem a problemática do tempo, como revelam dilemas universais. A análise e interpretação das personagens demonstram que a imensa quantidade de seres humanos tem fome insaciável de amor, simpatia e compreensão mútuos. Porém, nas experiências de relacionamento humano essa fome não é jamais satisfeita pela ausência de algum ou mais fatores. Da mesma forma, o amor espiritual e a compreensão tentam florescer mas são, na maioria das vezes, estrangulados por falta de sentimento e comunicação recíprocos.

Por outro lado, as peças de ação contemporânea nos mostram o que Eliot buscou em toda sua vida: evitar fingimentos, procurar conceituar o amor e tentar definir o que é um homem.

Utilizando uma situação-chave — a reunião — isto é, um grupo de indivíduos relacionados de alguma forma se separa e, mais tarde, volta a se reunir, mas, desta vez, fortificados por uma experiência emocional que todos compartilharam, Eliot explorou, com todos os recursos de que dispunha, alguns dos paradoxos que nos causam perplexidade ao nos defrontarmos com o homem do século XX: sua solidão em meio à multidão, sua incomunicabilidade na era da comunicação, sua insegurança num período de prosperidade.

BIBLIOGRAFIA

- BROWNE, E. Martin. The making of T. S. Eliot's plays. London, Cambridge Univ. Press, 1969.
- ELIOT, T. S. The complete poems and plays of T. S. Eliot. London, Faber and Faber, 1975.
- JONES, D. E. The plays of T. S. Eliot. London, Routledge, 1969.
- SMITH, Grover. T. S. Eliot's poetry and plays. Chicago, The Univ. of Chicago Press, 1974.